

Charges virtuais, ciberespaço e semiosfera¹.

Marcelo Rodrigo da Silva²

Resumo

O presente artigo propõe-se a desenvolver uma discussão teórica – pelo menos inicial – a respeito das mudanças perceptíveis no funcionamento das relações semióticas das charges virtuais, mais especificamente as charges encontradas no site www.charges.com.br, de autoria do cartunista Maurício Ricardo. As observações que aqui são feitas consideram as relações semióticas enquanto representações culturais e discutem como essa semiosfera criada nas charges virtuais congrega novos elementos a partir das possibilidades do espaço virtual.

Palavras-chave

Charges virtuais; semiosfera; ciberespaço

A arquitetura da construção de significados passa por alterações e novos processos de organização à medida que experimenta e associa suportes e tecnologias diferentes. É o que pode ser observado no processo de construção sígnica das charges. Originalmente desenvolvidas no suporte impresso, esses elementos do Jornalismo Opinativo – conforme MELO (1983) – apresentaram mudanças marcantes em seu processo de formação de sentido ao experimentarem novos elementos possibilitados pelo ambiente do ciberespaço. Assim também se modificam os mecanismos de representação cultural nas narrativas, que antes resultava de signos verbais e visuais e agora de signos verbais, visuais e sonoros.

O presente artigo propõe-se a desenvolver uma discussão teórica – pelo menos inicial – a respeito das mudanças perceptíveis no funcionamento das relações semióticas das charges virtuais, mais especificamente as charges encontradas no site www.charges.com.br, de autoria do cartunista Maurício Ricardo. As observações que aqui são feitas consideram as relações semióticas enquanto representações culturais e discutem como essa semiosfera criada nas charges virtuais congrega novos elementos a partir das possibilidades do espaço virtual. Essas discussões também são extensão de estudos desenvolvidos no Mestrado em Literatura e Interculturalidade (MLI) da Universidade Estadual da Paraíba.

¹ Artigo apresentado no Eixo 6 – Processos e Estéticas em Arte Digital do VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura realizado de 20 a 22 de novembro de 2013.

² Faculdade Maurício de Nassau – Unidade João Pessoa - docente.

Sob a perspectiva da semiótica da cultura, a charge virtual resulta no que pode-se configurar como a criação de uma semiosfera própria. A semiosfera, no sentido proposto por MACHADO (2007, p. 16) como “a dinâmica dos encontros entre diferentes culturas”, é um espaço onde as culturas são postas em um confronto que resulta sempre numa reação, um movimento de absorção da periferia pelo centro e vice-versa e na transformação mútua. Algumas vezes desse confronto resultam pequenas alterações em cada uma das culturas envolvidas ou mesmo fusões e mestiçagens e até “explosões” de novas culturas.

Em poucas palavras, semiosfera é o espaço da diversidade. Quer dizer, semiosfera é o espaço heterogêneo (ou meio comunicativo) que permite a emergência, a conexão e a sustentação da diversidade qualitativa. Diversidade é um fenômeno relacional e aparentemente é baseado na comunicação, na habilidade de estabelecer diferenças. (KULL, 2007, p. 76)

A charge virtual opera de acordo com o “regime da participação”, conforme conceituado por José Luiz Fiorin ao propor dois regimes de funcionamento da semiosfera.

O primeiro é o da exclusão, cujo operador é a triagem. Nele, quando o processo de relação entre sistemas atinge seu termo leva à confrontação do exclusivo e do excluído. As culturas reguladas por esse regime confrontam o puro e o impuro. O segundo regime é o da participação, cujo operador é a mistura, o que leva à confrontação do igual e do desigual. A igualdade pressupõe grandezas intercambiáveis; a desigualdade implica grandezas que se opõem como superior e inferior [...]. (FIORIN, 2007, p. 176).

O diálogo entre as culturas desenvolve-se por meio dos sistemas de signos codificados como linguagens. E é só na semiosfera que se processam e se tornam inteligíveis tais linguagens e, conseqüentemente a interação intercultural. Conforme aborda SANTAELLA (2001, p. 32), com base nos estudos de Lótmán: “devemos falar de semiosfera, que podemos definir como o espaço semiótico necessário à existência e funcionamento das linguagens, e não a soma total das diferentes linguagens”.

A charge virtual como “texto da cultura” (RAMOS et al, 2007) conjuga vários sistemas e pressupõe um caráter codificado. A codificação da charge virtual decorre da

organização dos sistemas de signos que se manifestam como linguagem. É através dos sistemas de signos que são introduzidos no espaço da semiosfera as culturas diversas. O chargista cria signos culturais num processo de tradução em que o diálogo entre as culturas sofre uma forte tendência à hibridação e mestiçagem. Ancorada nos preceitos de Iúri Lótman, Ramos dá contribuições sobre o texto da cultura.

o texto possui um mecanismo dinâmico na cultura. Ele mantém uma relação direta com a linguagem que o precede e também é um gerador de linguagens, pois o texto é um espaço semiótico m que há interação, onde as linguagens interferem-se e auto-organizam-se em processos de modelização. Nesse sentido, visto como espaço semiótico, o texto também conjuga vários sistemas e pressupões um caráter codificado. [...] Portanto, quando se define um objeto ou processo como texto é porque ele está codificado de alguma maneira. (RAMOS et al, 2007, p. 31)

Ramos (2007) aponta como um traço essencial do texto a “multi-vocalidade”, ou seja, a presença de várias vozes no discurso. Esse princípio é também estudado por Mikhail Bakhtin como a teoria do “dialogismo”, já estudada anteriormente, na qual Lótman também se baseia para seu tratamento da semiosfera.

No processo de relação e contato entre as culturas na fronteira da semiosfera acontece o processo de tradução, entendida por Ramos (2007, p. 38) como “um processo modelizante e, enquanto tal, recodifica o sistema ao modelizá-lo numa outra configuração”. O termo modelização, surgido no campo da informática e da cibernética para designar a operação de auto-organização e controle, no campo da cultura, conforme Ramos (2007), passa a designar processos de regulação de comportamento dos signos para constituir sistemas.

Diante disso, entende-se que a palavra “modelização” deve ser aqui entendida como um “programa para a análise e constituição de arranjos” e não a simples “reprodução de um modelo” [...]. A modelização cumpre, igualmente, o desígnio de explicitar a vinculação histórica do sistema que não surge do nada, mas elabora e redesenha procedimentos da experiência cultural. (RAMOS et al, 2007, p. 29)

Tradução Intersemiótica

Como já dizia Charles Sanders Peirce, “tudo é signo”. E para que seja possível a compreensão e interação com universo que o rodeia, o homem se aprofundou no ambiente da noosfera³. e criou mecanismos inteligíveis de comunicação. A evolução das práticas sociais o conduziu a um estágio de interação social que permitiu o aprimoramento recursos mnemotécnicos na busca pelo conhecimento de si e do Outro.

É através da intercompreensão do universo sógnico e suas matizes de linguagem que o homem compreende, absorve, (re)formula e (re)cria os processos comunicativos e os mecanismo de transmissão de informações. Sonesson (2007, p. 135) ressalta que “Peirce afirma que não há qualquer acesso direto ao conhecimento sobre si mesmo, exatamente como não há sobre o outro; ambos só são conhecidos indiretamente através dos signos”.

Para Irene Machado (2007), a organização dos sistemas de signos – e com eles as informações fluidas no processo comunicativo – está em trânsito e mutação constantes. O homem enquanto ator social interage na (de)codificação dos signos culturais por meio da ação tradutora.

A cultura não se compara a um depósito de informação. Configura-se, antes, como um mecanismo organizado de modo extremamente complexo que conserva a informação tão somente para processá-la, continuamente, não apenas codificando e decodificando mas, sobretudo, ativando a tradução de um sistema de signos em outro. (MACHADO, 2007, p. 64)

Para Plaza (2003) qualquer pensamento é necessariamente tradução. Ele defende que todo pensamento é tradução de outro pensamento, por seu caráter de transformação de signo em signo. Segundo ele, quando pensamos, traduzimos aquilo que temos presente à consciência, “sejam imagens, sentimentos ou concepções (que, aliás, já são signos ou quase-signos) em outras representações que também servem como signos. [...] qualquer pensamento requer ter havido outro pensamento para o qual ele funciona como interpretante” (PLAZA, 2003, p. 18).

³ O prefixo grego “noos”, quer dizer pensamento. Logo, o termo noosfera reporta a uma esfera das idéias. Com base nos estudos desenvolvidos por Teilhard de Chardin, Santaella (2007) descreve o processo de evolução da vida na terra. “Para Cardin, a terra juvenil foi passando por estágios sucessivos de um único e vasto processo: da geogênese para a biogênese e desta para a psicogênese que nos leva ao homem e, com ele, para todos os desenvolvimentos do espírito: a noogênese” (2007, p. 117).

A conversão para o ciberespaço possibilitou a agregação de novos elementos à estrutura significativa das charges, principalmente com a introdução do signo sonoro. Os novos sistemas de signos propiciados pelo novo suporte tecnológico alteram as relações com o corpo e exigem novo tratamento, como defendia Marshall McLuhan (1969, p. 63) quando argumentou que “qualquer invenção ou tecnologia é uma extensão ou amputação de nosso corpo. [...] Como extensão e acelerador da vida sensorial, todo meio afeta de um golpe o campo total dos sentidos”.

O caráter tátil-sensorial, inclusivo e abrangente das formas eletrônicas permite dialogar em ritmo “intervisual”, “intertextual” e “intersensorial” com os vários códigos da informação. É nesses intervalos entre os vários códigos que se instaura uma fronteira fluida entre informação e pictorialidade ideográfica, uma margem de criação. (PLAZA, 2003, p. 13).

As Charges Virtuais traduzem as notícias empregando uma nova roupagem, aplicando uma nova linguagem, em conformidade com o suporte tecnológico empregado – e com as relações sêmicas que dele derivam –, ou seja, promovem uma “Tradução Intersemiótica” (PLAZA, 2003) dessas notícias, tomando, para isso, o ponto de vista do chargista. Júlio Plaza afirma que o signo sugere, elide, aponta, delimita, indica, mas sempre dentro do sistema de relações analógicas de sua semiose.

[Tradução é] uma trama entre passado-presente-futuro. Dependendo porém da direção de nosso olhar, a relação se modifica pela proeminência de um dos pólos. [...] a tradução para nós se apresenta como ‘a forma mais atenta de ler’ a história porque é uma forma produtiva de consumo, ao mesmo tempo que relança para o futuro aqueles aspectos da história que realmente foram lidos e incorporados ao presente. (PLAZA, 2003, p. 1 e 2)

Nas Charges Virtuais a tradução dos signos culturais é elaborada com base no ponto de vista do artista, mas é inegável que essa ação tradutora é elaborada com base em objetos imediatos reais imersos na realidade de uma cultura. Contudo, como bem pontuou Sonesson (2007, p. 132), ancorado nos preceitos de Bakhtin, “a compreensão não é possível por meio da total identificação com outra cultura, mas somente pela imersão na outra cultura e depois retorno a uma posição externa a ela”. E esse processo de compreensão se dá através dos signos.

Contudo, é interessante observar que Plaza (2003) destaca que a habilidade para compreender ou “radiografar” as operações sígnicas que estão se processando no interior de uma mensagem não será fornecida pelo tipo de meio ou suporte nem pelo tipo de código.

O importante para se inteligir as operações de trânsito semiótico é se tornar capaz de ler, na raiz da aparente diversidade das linguagens e suportes, os movimentos de passagem dos caracteres icônicos, indiciais e simbólicos não apenas nos intercódigos, mas também no intracódigo. Ou seja, não é o código (pictórico, musical, fílmico etc.) que define a priori se aquela linguagem é *sine qua non* icônica, indicial ou simbólica, mas os processos e leis de articulação de linguagem que se efetuam no interior de um suporte ou mensagem. (PLAZA, 2003, p. 67)

Para Bergson (1983), qualquer representação envolve critérios subjetivos daquele que representa sobre o que é representado. Como representação, a caricatura é uma arte que exagera, um meio de destacar certas linhas em detrimento de outras distorcendo o real.

O artista pode gerar o diálogo e situações inimagináveis entre várias personalidades de origens, costumes e tradições diferentes. Indo mais além, ele pode mesclar esses elementos, fazendo surgir um sujeito híbrido, mas uma hibridização que é fruto da criatividade e do imaginário do artista; uma hibridização muitas vezes fantástica, existente apenas enquanto discurso chágico, cuja função é a promoção de uma crítica satírica.

São captados elementos de matrizes culturais específicas e diversificadas. Esse movimento é deflagrado desde a criação das personagens até a estilização dos ambientes. Quando o artista constrói uma personagem a partir da representação de uma personalidade real, ele absorve não só os traços e características físicas da aparência da pessoa representada para aplicá-los em seu desenho caricaturado, mas também elementos constituintes do contexto sócio-econômico, histórico e, principalmente, cultural que o rodeia. Podem ser enquadrados como matéria-prima desse processo a músicas, os costumes religiosos, aspectos de ambientes físicos, arquitetura, etc.

Para Plaza (2003), a apreensão e decodificação dos sentidos de um processo comunicativo e a posterior construção de novos significados decorrem da interpretação

dos estímulos sensoriais. Os pontos sensitivos do corpo humano são bombardeados por uma miríade de impulsos do mundo em sua volta que condicionam a interpretação dos signos à subjetividade do receptor, que é atrelada ao repertório adquirido por ele como ator social a partir das experiências vivenciadas em seu cotidiano.

O autor nomeia a decodificação dos estímulos pelo corpo humano de “intercurso dos sentidos” e suas teorias a inter-relação entre os sentidos do corpo humano na construção de significados e descreve três etapas do processo de significação dos signos: a primeiridade, a secundidade e a terceiridade, ambas ligadas diretamente aos três estados da consciência que funcionam como indicadores do percurso da invenção.

Trata-se da consciência em nível de primeiro como “impressão de um instante”, pura similaridade. Já os momentos de tensão só podem ser dados em nível de consciência, entre passado como mundo interior (eu) e o presente como mundo exterior (não-eu) que vêm a nós como atrito de forças conflitivas. Já num terceiro momento, tem-se a presença à consciência da continuidade como processo pensamental, a relação triádica da consciência. Esses três estados delimitam os caracteres da invenção como processo formativo que nasce da “impressão de um instante” ou presença do ícone à mente que se dá na isomorfia do processo pensamental como o meio do qual se materializará. (PLAZA,2003, p. 41)

O receptor de estímulos desenvolve a compreensão dos significados a partir das respostas de seu corpo e da formulação de conceitos sobre o objeto constituído. No processo de tradução, os estímulos recebidos são ressignificados com nova roupagem.

O esforço da consciência do receptor caminha no sentido da compreensão dos significados gerados pelos estímulos lançados no discurso chárstico, com suas matizes sêmicas geradores de sentido. Os temas abordados sob o signo linguístico em jornais e revistas são traduzidos pelo autor com a utilização de sistemas de signos diferentes. Da mesma forma acontece com as notícias transmitidas em sites e também no suporte televisivo.

[...] o processo sígnico vai transformando e comandando a sintaxe. E, numa tradução intersemiótica, os signos empregados têm tendência a formar novos objetos imediatos, novos sentidos e novas estruturas que, pela sua própria característica diferencial, tendem a se desvincular do original. A eleição de um sistema de signos, portanto,

induz a linguagem a tomar caminhos e encaminhamentos inerentes à sua estrutura. (PLAZA, 2003, p. 30)

O leitor das charges identifica e agenda signos que exigem a elaboração de novos referenciais e relações de conhecimento para o mesmo tema ou temas correlatos. Além do código linguístico, são explorados no discurso chárstico apelos visuais e sonoros que constroem significados e se relacionam semioticamente com fatos e acontecimentos paralelos. A mensagem da charge forma uma tradução dos noticiários midiáticos ao mesmo tempo em que expande a tradução adicionando elementos que, de forma intertextual, relacionam a temática central do discurso com outros temas.

Nessa medida, toda tradução movimenta-se entre identidades e diferenças, tocando o original em pontos tangenciais. [...] Daí que a relação íntima e oculta entre as línguas seja a de que elas apresentam parentescos e analogias naquilo que pretendem exprimir e que, para nós, não é outra coisa senão o ícone como medula da linguagem. (PLAZA, 2003, p. 29)

A percepção dos sentidos é instigada na tradução produzida pelo discurso chárstico. Os signos estimulam os pontos sensitivos dos receptores que, diferentemente do esforço de consciência dedicado à decodificação apenas de signos linguísticos, reagem de forma diferente e ocupam novos sentidos para decodificar a mensagem composta por relações polisemióticas. Ao estudar a materialidade do signo, Plaza (2003, p. 49) aponta suas três referências: “a) a função representativa que o torna representação; b) a aplicação denotativa, ou ligação real, que põe um pensamento em relação com outro; c) a qualidade material que dá ao pensamento sua qualidade”.

Plaza (2003) aponta ainda os sentidos como produtores dos objetos imediatos do signo, o olho, o tato e o acústico.

A Tradução Intersemiótica se pauta, então, pelo uso material dos suportes, cujas qualidades e estruturas são os interpretantes dos signos que absorvem, servindo como interfaces. Sendo assim, o operar tradutor, para nós, é mais do que a “interpretação de signos linguísticos por outros não-linguísticos”. Nossa visão diz mais respeito à transmutações intersígnicas do que exclusivamente à passagem de signos linguísticos para não-linguísticos. (PLAZA, 2003, p. 67)

Entre a *mimeses* e a *semioses*

O potencial de inteligibilidade das charges, de fazer-se compreensível reside em sua referencialidade com o real. Através das construções semióticas afloradas desde o emprego das caricaturas – caracterizadas pela verossimilhança com seu objeto – as charges estão ligadas à realidade como *mimesis*, “termo aristotélico traduzido por ‘imitação’ ou ‘representação’ (...) ‘verossimilhança’, ‘ficção’, ‘ilusão’, ou mesmo ‘mentira’, e, é claro, ‘realismo’, ‘referente’ ou ‘referência’, ‘descrição’”. (COMPAGNON, 2001, p. 98).

Os objetos imediatos das representações podem estar no ambiente do cotidiano social, mas também, e talvez com maior frequência, no ambiente midiático, na mídia global. A construção das representações são uma releitura, ou uma tradução, de um noticiário de TV, internet ou jornal relacionados a contextos sociais mundiais ou locais.

É comum nas charges ser construída uma atmosfera de representação do real, mas que, indo além da simples cópia, cria uma situação hipotética, com base na simulação e profere uma mensagem crítica profunda ou relacionar-se com assuntos correlatos numa simbiose de intertextualidade.

Situações imaginadas na idiosincrasia do chargista tomam forma e se “materializam” virtualmente, ancoradas, contudo, naqueles objetos imediatos do real, estejam eles no repertório mnemônico do chargista – construído por suas experiências na história e no tempo – ou nos suportes midiáticos dos noticiários diários. O chargista efetua o trabalho de captura daqueles elementos culturais que conhecidamente – em função da difusão na sociedade midiaticizada – fazem parte e legitimam uma cultura.

Fluidas, ruidosas, escorregadias e infinitamente manipuláveis, a imagem eletrônica e a fotografia processada digitalmente já não autorizam um tratamento no plano da mera referencialidade, no plano do registro documental puro e simples. O efeito do real não se dá nelas com a mesma transparência e inocência com que ocorre na fotografia convencional ou no cinema. Pelas suas próprias características, os meios eletrônicos se prestam muito pouco a uma utilização naturalista, a uma utilização meramente homologatória do ‘real’. (JOSÉ, 1997, p. 249)

A referencialidade com o real motiva de tal forma o leitor, que pode influenciar na opinião e ponto de vista que adota. Isso é devido à sua relação com o real, que torna sua compreensão instantânea. Entretanto, conforme a crítica que faz à mimesis, Compagnon (2001) em seu *Demônio da Teoria*, afirma que a referencialidade não existiria na relação entre a linguagem e o mundo, mas nas relações semióticas produzidas no interior de cada texto, na semioses.

O referente é um produto da *semiòses*, e não um dado preexistente. A relação lingüística primária não estabelece mais relação entre a palavra e a coisa, ou o signo e o referente, o texto e o mundo, mas entre um signo e um outro signo, um texto e outro texto. (COMPAGNON, 2001, p. 109)

Nas charges virtuais, entretanto, a relação com o mundo é mais particular. Ela estaria entre a mimesis e a semioses. O referente nas charges está ligado a uma representação do real, na mesma medida em que é um processo derivado das relações semióticas de intertextualidade, do diálogo com outros textos ou referenciais.

Principalmente no ciberespaço, o processo de significação das charges é aflorado porque acontece, nas palavras de Santaella (2004, p. 392), uma “confraternização verbosonovisual”. De acordo com a autora, a referencialidade das imagens figurativas realistas, como é o caso das caricaturas animadas, permanece ancorada na realidade.

Enquanto no caso da fotografia trata-se de indexicalidade genuína, pois a imagem depende de uma conexão existencial entre o objeto e o instante de sua captura, no caso das imagens figurativas realistas, trata-se de indexicalidade de referência, pois a imagem realista não deixa de se referir a objetos do mundo visível aos quais ela se assemelha. (SANTAELLA, 2004, p. 378)

Nas charges virtuais, o referente também é uma construção resultante da relação intertextual no interior do discurso. Isso é perceptível nas imagens das personagens. Enquanto o chargista faz o desenho caricaturado de uma personalidade real, na mesma imagem são agregados desenhos contíguos que têm seu referente em contextos outros que não aquele de onde foi tomado a personalidade. Ou seja, em uma mesma imagem, estabelece-se uma relação com o real – a imitação, a mimesis – e com outros textos – a intertextualidade, o dialogismo e a semioses.

Contudo, é importante ressaltar a proposição de Plaza (2003) quando defende que a construção de signos sempre terá um resultado diferente. Por mais que se busque a fidelidade com o objeto imediato, o signo sempre será um “não-igual”.

O problema da tão falada “fidelidade” é mais uma questão de ideologia, porque o signo não pode ser “fiel” ou “infiel” ao objeto, pois como substituto só pode apontar para ele. Mesmo o processo pretendidamente mimético caracteriza-se pelo fato de algo tentar fazer-se igual a outro, mostrando-se como não-igual. A mimese, portanto, é (como nos diz Adorno) a negação determinada da categoria da identidade. Representar a coisa “tal como ela é” é mimese mediada pelo código. Quer dizer, a similaridade já contém seu tom diferenciador. (PLAZA, 2003, p. 32 e 33)

Com base nessas discussões iniciais, pode-se perceber que os discursos chárgicos se constituem por uma semiosfera própria, construída com base nos elementos sígnicos utilizados pelo chargista durante o processo de representação da realidade, seja ela mimética ou semiótica. Além disso, percebe-se que o ciberespaço e as tecnologias de informática possibilitaram a congregação de elementos de diversas matrizes semióticas, o que antes não era possível no suporte impresso. Sendo assim, pode-se perceber que o ciberespaço expandiu a semiosfera das charges virtuais, na medida em que permitiu também a ampliação das possibilidades de mecanismos de representação da cultura e da realidade. Não são mais apenas desenhos icônicos e textos que assumem a função de símbolos, ícones e índices, mas também o som, e o movimentos dos elementos constituintes do discurso e da narrativa.

Referências bibliográficas

BERGSON, Henri. O riso. Ensaio sobre o significado do cômico. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

COMPAGNON, Antoine. O demônio da teoria literária e senso comum. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

FIORIN, José Luiz. Relações entre sistemas no interior da semiosfera. In: MACHADO, Irene (org.). Semiótica da cultura e semiosfera. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

JOSÉ, Carmen Lúcia. Trânsito entre oralidades: do corpo-mídia ao corpo inserido na mídia. In: MACHADO, Irene (org.). Semiótica da cultura e semiosfera. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

KULL, Kalevi. Semiosfera e a ecologia dual: paradoxos da comunicação. In: Semiótica da cultura e semiosfera (Irene Machado, org.). São Paulo: Fapesp/AnnaBlume, 2007, pp. 69-79.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência. Rio de Janeiro: Ed 34, 1993.

_____. Ciberultura. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. O que é o virtual? São Paulo: Editora 34, 1996. MACHADO, Irene. Circuitos dialógicos: para além da transmissão de mensagens. In: MACHADO, Irene (org.). Semiótica da cultura e semiosfera. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensos do homem. São Paulo: 1969.

MELO, José Marques de. Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. São Paulo – SP: 1983.

PLAZA, Julio. Tradução intersemiótica. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

RAMOS, Adriana Vaz. (et al.). Semiosfera: exploração conceitual nos estudos semióticos da cultura. In: MACHADO, Irene (org.). Semiótica da cultura e semiosfera. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

SANTAELLA, Lucia. Matrizes da linguagem e pensamento. São Paulo: Iluminuras, 2001.

_____. Linguagens líquidas na era da mobilidade. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imerso. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. Semiótica aplicada. São Paulo – SP: Pioneira Thomson Learning, 2004.

SONESSON, Göran. A semiosfera e domínio da alteridade. In: MACHADO, Irene (org.). Semiótica da cultura e semiosfera. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.